TARRYN FISHER

A Perversa

TARRYN FISHER

A Perversa

TRADUÇÃO
CHICO LOPES

FARO EDITORIAL

COPYRIGHT © 2012 BY TARRYN FISHER
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial PEDRO ALMEIDA
Preparação TUCA FARIA
Revisão GABRIELA DE AVILA
Capa e diagramação OSMANE GARCIA FILHO
Imagem de capa YURIYZHURAVOV | SHUTTERSTOCK

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fisher, Tarryn
A perversa / Tarryn Fisher ; tradução Chico Lopes. — Barueri, SP : Faro Editorial, 2016. — (Love me with lies ; 2)

Título original: Dirty red.
ISBN 978-85-62409-65-3

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-11052 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2016
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br

CAPÍTULO 1

Presente

AO BAIXAR O OLHAR SOBRE A CRIATURA DE PELE COR-de-rosa que grita em meus braços, entro em pânico.

O pânico é um redemoinho. Ele se agita vividamente em seu cérebro como um turbilhão e vai ganhando velocidade ao descer, se afunilando, pelo resto de seu corpo. Segue girando e girando, fazendo seu coração disparar. Girando e girando, vai se retorcendo, dando um nó em seu estômago e deixando-a nauseada. Girando e girando, alcança seus joelhos, enfraquecendo-os, antes de chegar aos dedos de seus pés. Você puxa seus cabelos, toma alguns fôlegos profundos e se agarra ao círculo de sanidade para preservar o que resta de vida antes que ele a engula.

Estes são meus primeiros dez segundos como mãe.

Eu entrego a criatura de volta ao seu pai.

— Temos que contratar uma babá. — Me abano com um exemplar da *Vogue*, até que ele fica muito pesado e, então, deixo meu pulso amolecer, o que faz com que a revista tombe no chão. — Pode passar minha água?

Agito os dedos em direção à garrafa, que está fora do meu alcance, e encosto a cabeça no travesseiro chato fornecido pelo hospital. Estes são os fatos: um ser humano acaba de sair de meu corpo depois de eu tê-lo criado lá por nove meses. As semelhanças parasitárias são suficientes para me fazer agarrar o médico pela gola e exigir que ele ligue minhas trompas definitivamente. Minha barriga — que eu já examinei — parece

um balão, cor de pele, esvaziado. Estou cansada e dolorida. Quero ir para casa. Quando minha água não vem, arregalo um olho. As pessoas não deveriam estar correndo em círculos em torno de mim depois do que acabei de realizar?

O bebê e o pai estão diante da janela, emoldurados pela luz opaca da tarde como uma propaganda cafona do hospital. Tudo de que precisam é de uma frase apelativa para criar uma legenda: *Comece sua família com a gente.*

Faço um esforço para analisá-los. Ele a está embalando em seus braços, sua cabeça tão curvada para baixo que os narizes dos dois quase se tocam. Deveria ser um momento terno, mas ele a olha com tanto amor que eu sinto o ciúme dar um pequeno aperto pronunciado em meu coração. O ciúme é algo forte e eu me contorço sob seu toque, incomodada por perceber isso.

Por que não poderia ter sido um menino? Ele... meu bebê. O desapontamento recém-chegado faz com que eu pressione o rosto contra o travesseiro, bloqueando a cena diante de mim. Duas horas atrás, o médico disse a palavra *menina* e lançou sobre meu peito o corpo azulado, coberto de muco viscoso. Fiquei sem saber o que fazer. Meu marido me observava e, por isso, ergui a mão para tocá-la; durante este tempo todo, a palavra *menina* caía esmagadora sobre meu peito, como um elefante de mil toneladas.

Menina.

Menina.

Menina.

Vou ter que dividir meu marido com outra mulher... novamente.

— Que nome vamos dar a ela? — Ele nem mesmo olha para mim quando fala.

Sinto que ganhei um breve olhar. Nossa! Já fui posta para escanteio.

Eu não havia escolhido um nome de menina. Tinha tanta certeza de que seria um menino! Charles Austin — como meu pai.

— Não sei. Alguma sugestão? — Eu aliso os lençóis, analiso as pontas das unhas. Um nome é um nome, certo? Eu nem mesmo atendo pelo nome que meus pais me deram.

Ele olha para ela por vários minutos, sua mão segurando em concha a cabeça da menina. Ela parou de agitar os punhos e está tranquila e contente em seus braços. Conheço essa sensação.

— Estella. — O nome sai de seus lábios como se ele viesse esperando para dizê-lo a vida toda.

Minha cabeça balança. Eu estava esperando alguma coisa menos... antiga. Torci o nariz.

— Isso soa como o nome de uma velhinha.

— É de um livro.

Caleb e seus livros.

— Qual? — Não costumo ler... a não ser revistas. Mas se esse livro virou filme, há a possibilidade de eu ter visto.

— *Grandes esperanças*, de Charles Dickens.

Aperto os olhos e tenho aquela sensação de afundamento no estômago. Tem alguma coisa a ver com ela. Eu sei disso.

Não verbalizo esses pensamentos. Sou inteligente demais para chamar a atenção para minhas inseguranças, de modo que dou de ombros displicentemente e sorrio na direção dele.

— Algum motivo específico? — pergunto com doçura.

Por um minuto, penso ver alguma coisa passar pelo rosto dele, uma sombra descendo sobre seus olhos, como se Caleb estivesse vendo um filme se desenrolar a sua frente. Engulo em seco. Conheço essa expressão.

— Querido...?

O filme termina e ele se volta para mim.

— Sempre gostei desse nome. E ela tem carinha de Estella — diz Caleb com a voz embargada.

Ela se parece com um homem careca e velho para mim, mas faço que sim. Sou incapaz de dizer *não* ao meu marido, de modo que parece que a garotinha acabou de se ferrar.

Quando ele vai embora para casa para tomar banho, puxo meu celular de baixo do travesseiro e digito no Google: Estella, de *Grandes esperanças*.

Um *website* a descreve como de encantadora beleza, diz que ela tem uma personalidade emocionalmente fria e com complexo de superioridade.

Outro diz que ela era a representação física de tudo que Pip, o personagem principal, desejava e não podia ter.

Ponho o celular de lado e examino o berço em que ela está. Caleb faz tudo com um propósito. Fico pensando... Há quanto tempo ele devia querer uma garota? Será que, nos nove meses em que eu planejei ter um filho, Caleb estaria planejando uma filha?

Eu não sinto nada — nada — das devoradoras coisas maternais das quais minhas amigas me falaram sobre seus próprios filhos. Elas usaram palavras como: incondicional, totalmente dominador, amor da minha vida. Eu sorrira e concordara, armazenando as palavras para referência quando tivesse meu próprio filho. E aqui estou eu agora, desprovida de emoções. Essas palavras não significam nada para mim. Eu teria me sentido diferente se fosse um menino?

O bebê começa a gemer e eu aperto o botão para chamar a enfermeira.

— Precisa de ajuda? — uma mulher, em seus cinquenta anos, usando um uniforme cirúrgico entra rapidamente no quarto.

Eu examino seu sorriso escancarado e faço que sim.

— Pode levá-la para o berçário? Preciso dormir um pouco.

Estella é levada num carrinho para fora do meu quarto e eu solto um suspiro de alívio.

Não vou ser boa nisso. O que eu estava pensando? Respiro pelo nariz, soltando pela boca, como faço na ioga.

Quero um cigarro. Quero um cigarro. Quero matar a mulher que meu marido ama. Isso tudo é culpa dela. Eu engravidei para segurar o homem com quem já havia me casado. Uma mulher não deve fazer isso. Ela deve se sentir segura em seu casamento. É por isso que você se casa — para se sentir segura contra todos os homens que estavam tentando sugar sua alma. Eu entreguei minha alma a Caleb de boa vontade. Ofereci-a como um cordeiro em sacrifício. Agora, eu não teria que competir com a lembrança de outra mulher, mas com um bebê murcho. Ele já olhava para os olhos dela como se pudesse ver o Grand Canyon guardado em suas íris.

Eu suspiro e me enrosco em formato de bola, enfiando os joelhos sob o queixo e agarrando os tornozelos.

Tenho feito um bom número de coisas para manter esse homem. Mentido e trapaceado. Tenho sido sexy e dócil, feroz e vulnerável. Tenho sido tudo, exceto eu mesma.

Caleb é meu neste momento, mas eu nunca sou suficiente para ele. Posso sentir isso — ver no modo como ele me olha. Seus olhos, sempre inquiridores, vivem procurando alguma coisa. Não sei o que ele procura. Bem que eu gostaria de saber. Não posso competir com um bebê — meu bebê.

Eu sou quem eu sou.

Meu nome é Leah, e farei tudo para manter meu marido.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA GRÁFICA CROMOSETE EM JUNHO DE 2016